

História da disciplina escolar Estudos Amazônicos: relato de experiência do estágio docente no curso de licenciatura em Educação do Campo

History of the school subject Amazonian Studies: experience report from a teaching internship in the field education degree program

Francisauro Fernandes da Costa

Heloisa da Silva Borges

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Manaus/AM-Brasil

Sebastião Magalhães Costa

Jones da Silva Gomes

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Abaetetuba/PA-Brasil

Resumo

Este trabalho relata a experiência do Estágio Docente em nível superior, na disciplina Estudos Amazônicos, no curso de Educação do Campo da FADECAM/UFPA-Abaetetuba. Trata-se de um texto, de natureza descritiva e abordagem qualitativa, que apresenta o contexto histórico de implantação da disciplina no currículo paraense, sintetiza a formação histórica da Amazônia para discutir o imaginário social sobre a região e detalha as propostas didático-pedagógicas para a Educação Básica. Finalmente, destaca-se a importância da disciplina na formação de educadores do campo e no entendimento interdisciplinar da Amazônia, como meio de questionar as visões idílicas, pejorativas e eurocêntricas sobre a região e seus habitantes.

Palavras-chave: Educação do Campo; Estágio Docente; Estudos Amazônicos.

Abstract

This work reports the experience of the Teaching Internship at a higher level in the subject Amazonian Studies, in the field Education course FADECAM/UFPA-Abaetetuba. This text employs a descriptive, qualitative approach and presents the historical context of the discipline's implementation in the Pará curriculum. It summarizes the historical formation of the Amazon to discuss the social imaginary about the region and details the didactic-pedagogical proposals for Basic Education. Finally, it highlights the importance of the discipline in the education of field educators and in the interdisciplinary understanding of the Amazon, as a means of questioning the idyllic, pejorative, and Eurocentric views about the region and its inhabitants.

Keywords: Field Education; Teaching Internship; Amazon Studies.

1. Introdução

[...] a história da Amazônia é algo que interessa a todos que decidiram se envolver na sua construção, sejam intérpretes, coadjuvantes ou protagonistas. A região não é apenas uma geografia, e sua história é muito mais que um viveiro de criaturas exóticas de futuro incerto. É a história de uma parte do planeta habitada por seres humanos, que, sendo geografia, também é um espaço em que a humanidade pode aprender um pouco mais sobre si mesma (Souza, 2019, p. 28).

Com base neste excerto, o presente relato de experiência busca compreender e problematizar a temática do imaginário social criado para a região amazônica a partir das discussões, reflexões e estudos desenvolvidos no estágio docente em nível superior, realizados na disciplina “História da disciplina escolar: Estudos Amazônicos”, ofertada pelo Curso de Educação do Campo com habilitação em Ciências Humanas e Sociais, da Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo (FADECAM), da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus de Abaetetuba.

Objetiva ressaltar, a partir da perspectiva da Educação do Campoⁱ, a importância da disciplina escolar Estudos Amazônicos para a compreensão da região amazônica como imaginário de resistênciaⁱⁱ, território, cultura, luta de classes, portanto, como lugar de produção de vida dos sujeitos amazônidas, rompendo com a visão idílica, pejorativa e eurocêntrica criada sobre a região e seus habitantes.

Para tanto, trata-se de um estudo de abordagem qualitativa (Minayo, 2015) e natureza descritiva (Guilherme, 2021), em que apresentamos uma descrição das ações educativas, seguindo uma ordem cronológica de realização das atividades que resultaram em experiências enriquecedoras para todos os participantes do processo educativo: graduandos, docente e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), vinculado à Linha de Pesquisa 1: Educação, Estado e Sociedade na Amazônia.

Desse modo, no decorrer da disciplina, foram feitas algumas questões problematizadoras que serviram como base para a construção deste texto: qual a real necessidade de se criar a disciplina Estudos Amazônicos no currículo escolar paraense? Qual a aproximação da disciplina Estudos Amazônicos com a Educação do Campo? Qual o sentido e as motivações para estudar a disciplina Estudos Amazônicos na Educação Básica e na graduação em Educação do Campo? Qual a importância da disciplina Estudos Amazônicos

para a compreensão da história social da Amazônia? Como foi minha experiência na Educação Básica com a disciplina Estudos Amazônicos? Qual a importância da disciplina Estudos Amazônicos para a formação dos educadores do campo do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFPA de Abaetetuba?

Estes questionamentos levaram-nos a refletir sobre a formação da história social da Amazônia, o processo de desenvolvimento profissional e o papel dos educadores do curso de Educação do Campo no contexto amazônico paraense. Nesse sentido, utilizamos como instrumentos e técnicas de coleta das informações: observação participante; registro fotográfico; anotações das explicações das aulas no caderno de campo, e o relatório de atividades do estagiário com descrição das ações educativas. E, para uma melhor compreensão da temática em questão, fundamentamos este texto em um posicionamento crítico interpretativo com base nas obras dos autores trabalhados na disciplina. Ademais, levando-se em consideração o princípio da eticidade, a forma utilizada para manter o cuidado ético foi a não identificação explícita dos participantes do processo educativo, especialmente, os graduandos.

Portanto, para uma melhor compreensão do percurso formativo, organizamos este texto da seguinte forma: na primeira parte, descrevemos a caracterização dos procedimentos metodológicos do estudo e da disciplina. Na segunda parte, apresentamos algumas notas historiográficas sobre a criação da disciplina escolar paraense denominada Estudos Amazônicos. Na terceira parte, estudamos a história da Amazônia e a construção do imaginário social construído para a região. Na quarta parte, abordamos as orientações em grupos para construção e socialização das propostas didático pedagógicas. Por fim, nas considerações finais, ressaltamos a importância da disciplina Estudos Amazônicos para compreensão ampla e crítica da formação histórica e social da Amazônia e, conseqüentemente, para a formação humana, acadêmica e profissional dos sujeitos envolvidos no processo formativo, a saber: discentes, docente e doutorando.

2. Procedimentos metodológicos

As atividades de estágio docente foram desenvolvidas de forma presencial na modalidade intensivo, durante dez dias (manhã e tarde), no período de 31 de janeiro a 09 de fevereiro de 2024. A disciplina Estudos Amazônicos possui carga horária de 68h, sendo fundamentada pela perspectiva interdisciplinar, por isso, visa discutir a importância dos Estudos Amazônicos para a formação dos estudantes da Educação Básica, para que possam

História da disciplina escolar Estudos Amazônicos: relato de experiência do estágio docente no curso de licenciatura em Educação do Campo

compreender diversos temas relativos à região amazônica como um sistema sócio-natural e patrimônio cultural brasileiro, possibilitando conhecer a Amazônia por meio de um olhar mais integrado da história, geografia, sociologia e outras áreas de conhecimentos.

A partir do proposto na ementa da referida disciplina, o docente responsável por ministrá-la elencou os seguintes objetivos que nortearam a execução das aulas: objetivo geral: introduzir o acadêmico na discussão sobre o processo de ensino-aprendizagem da disciplina escolar Estudos Amazônicos e a participação do licenciado pleno em Educação do Campo, com ênfase em Ciências Sociais e Humanas, na mediação de atividades formativas interdisciplinares para contemplar demandas educativas específicas do mundo rural amazônico. objetivos específicos: compreender sua identidade amazônica estimulando a pensar nos acontecimentos, problematizando aspectos históricos, sociais, econômicos e culturais; refletir acerca da História da Amazônia a partir do passado e do presente, e analisar criticamente materiais didáticos disponíveis nas escolas de ensino básico, a partir da perspectiva da realidade dos povos do campo.

A metodologia utilizada na disciplina constituiu-se a partir de dois movimentos. O primeiro movimento intelectual para tomada de consciência dos discentes mediante as leituras das fontes bibliográficas utilizadas. Nesse movimento inicial, buscou-se, por meio de uma perspectiva analítica historiográfica, compreender a educação como fato histórico e cultural. Logo, foi traçado um perfil historiográfico a partir de fontes bibliográficas de como a disciplina escolar Estudos Amazônicos vem se desenvolvendo no contexto educacional paraense. Em seguida, estudamos a história da Amazônia, buscando compreender como a região passou a ser vista, desde o século XIX, como estratégia de desenvolvimento econômico para atender aos interesses do sistema do capital, tanto a nível nacional, quanto internacional, e os impactos que isso tem causado à sociobiodiversidade da região, sobretudo, aos modos de vida dos sujeitos amazônidas.

O segundo movimento mais metodológico constituiu-se da construção e aplicação de propostas didático-pedagógica e/ou curricular da disciplina Estudos Amazônicos para ser trabalhada com estudantes dos anos finais do ensino fundamental nas escolas do campo no contexto territorial paraense, com destaque para a região do Baixo Tocantins. Os procedimentos metodológicos utilizados na execução da disciplina incluíram aulas expositivas dialogadas; leitura e síntese dos textos trabalhados em sala de aula; roda de

conversas; avaliação discursiva; seminários com apresentação das propostas didático-pedagógicas. Além de roda de diálogo (auto)avaliativo referente ao desenvolvimento da disciplina e à participação do docente, dos discentes e do doutorando.

3. Notas historiográficas sobre a disciplina escolar paraense denominada *Estudos Amazônicos*

Ao traçar um perfil historiográfico sobre a origem da disciplina escolar Estudos Amazônicos, o professor explicou que ela surgiu na década de 1990, em um contexto educacional brasileiro marcado por grandes mudanças. Sua criação foi impulsionada com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB nº 9.394/96), que apresentava novos “rumos” à Educação Básica brasileira, com reorientações da organização curricular, possibilitando a criação de disciplinas específicas para se discutir as características regionais e seus aspectos culturais (Alves, 2016).

Com as importantes transformações que estavam ocorrendo na região amazônica desde a década de 1960, que ficou mais evidente com o lema do presidente Castelo Branco “Integrar para não Entregar”, com um discurso nacionalista que fomentava a ocupação da região amazônica como integralização ao território brasileiro; com a construção da Rodovia Belém-Brasília; as implantações de projetos federais como a Sudam; a construção da barragem hidrelétrica de Tucuruí; o Projeto Grande Carajás e com os incentivos a migrações, enfim, todas estas modificações que haviam ocorrido no cenário brasileiro, abriu-se espaço para a necessidade de se ter materiais voltados para compreender a Amazônia como região e território brasileiro.

Nesse cenário marcado por mudanças educacionais, ocorreu, no Brasil, a realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente, realizada na cidade do Rio de Janeiro, chamada ECO 92, cujo propósito foi debater o cenário ambiental global e as estratégias a serem tomadas pelas Nações Unidas para promover a conscientização do desenvolvimento sustentável. Desse modo, as discussões sobre a criação de uma disciplina que trabalhasse a realidade amazônica a partir da perspectiva local, começou em um evento estadual em Belém, promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC), no ano de 1987, onde os profissionais de educação relataram a falta de materiais didáticos que abordassem a realidade amazônica e suas especificidades. De acordo com Alves (2016), a professora Violeta Loureiro, relatou que:

História da disciplina escolar Estudos Amazônicos: relato de experiência do estágio docente no curso de licenciatura em Educação do Campo

Em 1987 os professores da SEDUC em evento grande que houve aqui em Belém, me falaram da necessidade de material, porque os alunos faziam perguntas sobre o desmatamento, sobre os grandes projetos, e eles não tinham material nenhum para responder a isso, então, nessa ocasião eu reuni alguns professores que estudavam a Amazônia à época, e perguntei se cada um se incumbia de escrever um capítulo, era evidente que ninguém iria receber nada por isso, mas eu mostrei a importância da coisa, eles concordaram cada um escreveu um capítulo, consegui que o IDESP e depois a SEDUC publicassem, no entanto, foram publicados várias edições para os professores, para a rede pública, por que eles não tinham nenhum material para atender a resposta, quando os alunos perguntavam alguma coisa, por exemplo, é importante o projeto Carajás? Eles não sabiam, traz vantagens ou não para o Pará? O projeto, como o projeto da Vale do Rio Doce, eles não sabiam o que responder? Então, em 1987 eu já tinha coordenado a elaboração de um livro que era destinado a professores para suprir um conhecimento mínimo, sobre a Amazônia (Loureiro, 2015 *Apud* Alves, 2016, p. 42).

Assim, havia a necessidade de se discutir a Amazônia enquanto região brasileira, para compreender os processos de ocupação que vinham ocorrendo nesta região, os problemas sociais e os impactos ambientais que ocorriam neste território. A partir da Resolução nº 630 de 26 de novembro de 1997, aprovada pelo Conselho Estadual de Educação, dentro da parte diversificada, possibilitou a criação da disciplina regional “Estudos Amazônicos” para se discutir as questões ambientais e sociais da Amazônia, enquanto: Território, Região, identidade e Cultura. Nesse sentido, “A disciplina ‘Estudos Amazônicos’ foi pensada para os professores da área das humanidades (História, Sociologia e Geografia), a partir de uma proposta interdisciplinar que eles introduzissem na escola uma proposta regional possível para ser ensinado” (Alves, 2016, p. 48).

Constata-se que a disciplina de Estudos Amazônico foi, de fato, oficialmente criada pela Secretaria de Educação do Estado do Pará, a partir da Resolução nº 630/97, que dava base legal para que o Conselho Estadual de Educação organizasse a parte diversificada do currículo escolar, incluindo a disciplina de Estudos Amazônicos em substituição à antiga disciplina de Estudos Paraenses, sendo que esta nova disciplina passava a contemplar o estudo da Amazônia amplamente, abordando-a desde a Amazônia pré-colonial até os fatos históricos regionais e locais com suas particularidades.

Em seguida, as discussões realizadas em salas com a turma de Educação do Campo, voltou-se para as experiências dos discentes com a referida disciplina na Educação Básica. Alguns relataram que se tratava de uma disciplina “muito conteudista” com formações que, muitas vezes, não contemplavam os aspectos gerais da disciplina, como o foco, que ficava na imagem da Amazônia registrada do alto, sendo representada pelos grandes rios e florestas,

e as discussões inexistentes sobre os sujeitos locais. Não havia uma aproximação com as próprias histórias de vida enquanto sujeitos amazônidas, o que contribuía para a defasagem de entendimento dos objetivos criados para a disciplina. Outro discente relatou sobre a sua experiência com a disciplina, ressaltando que a formação do professor impactava diretamente como a disciplina era construída, pois, muitas vezes, o debate voltava-se mais para a área da Geografia se o docente fosse formado nessa área, outras vezes, o debate relacionava-se com o campo da história, tornando-se apenas uma disciplina com conteúdos que eram voltados para essas áreas de conhecimentos, e não sobre a “História regional/local”.

Por fim, destacou-se a relevância da inserção dessa disciplina no currículo escolar da Educação Básica e como componente curricular do curso de Educação do Campo, pois contribui para a construção de uma formação histórica, possibilitando aos discentes e futuros educadores do campo compreenderem a região amazônica sob múltiplos olhares, e a construção do imaginário social criado para a região e a própria formação humana na condição de sujeitos que vivem na Amazônia brasileira, conforme abordamos sucintamente, no tópico a seguir.

4. História da Amazônia e a construção do imaginário social construído para a região

[...] Bronislaw Baczko assinala que é por meio do imaginário que se podem atingir as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades esboçam suas identidades e objetivos, detectam seus inimigos e, ainda, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social expressa-se por ideologias e utopias, e também por símbolos, alegorias, rituais e mitos. Tais elementos plasmam visões de mundo e modelam condutas e estilos de vida, em movimentos contínuos ou descontínuos de preservação da ordem vigente ou de introdução de mudanças (Moraes, 2002, p. 1).

A partir deste fragmento textual, compreendemos que o imaginário social é um campo de disputa por estar associado ao poder, constituindo-se por meio de um conjunto de representações coletivas que constroem visões de mundo, transformando as culturas, identidades e modos de vida de determinados grupos sociais. Nesse sentido, entendemos que a construção do imaginário social criado para a Amazônia surge no período da colonização portuguesa (século XVI ao XIX). Tal fato exige que façamos uma brevíssima abordagem histórica para apreensão da formação social da região, pois, “[...] ao analisar os processos de construção da história da Amazônia, das suas imagens e das suas múltiplas

dimensões internas, percebemos que o que parece natural na verdade não é tão natural assim” (Ramos, 2019, p. 1).

As reflexões sobre a História Social da Amazônia foram realizadas em sala de aula a partir de uma *roda de conversa* e fundamentada no livro *Estudos Integrativos da Amazônia* (Peleja; Moura, 2012), em que estudamos o texto *Introdução aos estudos amazônicos* (Loureiro, 2012).

A partir das leituras e diálogos sobre o material, entendemos que Pinzón foi o primeiro europeu a dar início à prática da exploração pela América do Sul, já que o sentido da colonização era capitalista, voltado à expansão do mercado europeu, assim como à prática da escravização dos indígenas no Brasil, após iniciar uma viagem, em 1500, pela costa do Nordeste brasileiro, subindo o Rio Amazonas e chegando até o Oiapoque. Nesse percurso, ficou impressionado com a quantidade de água que desaguava no rio e com a efervescência da pororoca. E, ao perceber que se tratava de água-doce, comparou a um mar, dando-lhe o nome de *Santa Maria de la Mar Dulce*. Assim, a primeira imagem de Amazônia definia a região como *as terras do Mar Doce* (Loureiro, 2012).

Nessa exploração, os portugueses ficaram maravilhados com a exuberância da natureza pelo fato de que, no novo continente, tudo era diferente, fantástico, pois se tratava de uma região de terras fartas, abundante, exuberante, que fez com que os migrantes do século XIX procurassem pela região amazônica como a “Terra da Promissão”, comparando-a com o paraíso. Por conseguinte, surge um novo conceito e/ou imaginário social da Amazônia como o “paraíso na terra”. Portanto, os primeiros escritos sobre a Amazônia brasileira foram feitos por meio de cartas e relatos de viagens, produzidos por *escrivão*, que era uma pessoa letrada (padre, de modo geral) que se incumbia de fazer a descrição da viagem e enviar notícias do Novo Mundo “descoberto”, ao Velho Mundo (a Europa) (Loureiro, 2012).

Com o avançar das expedições e com a presença de pesquisadores na região, surgiram os primeiros estudos - cronistas, narradores, naturalistas e cientistas - desenvolvidos sobre a Amazônia, sobretudo em meados do século XVII e XIX. Por meio desses estudos, foi possível identificar quais as imagens e/ou as representações sociais eram criadas pelos europeus para se referir aos povos nativos que habitavam a região, considerando que:

Durante os mais de 500 anos após a chegada dos europeus à América, incontáveis estudos foram realizados sobre essas conquistas. Um dos mais importantes é o de Todorov (Todorov, 1991). O autor aborda o modo como os europeus encaravam os

índios – como “o outro”, o estranho, o exótico, o selvagem, o perigoso, o sem alma, o bárbaro, o sem cultura. Assim, o índio devia ser cristianizado e moldado para viver segundo as ideias e hábitos europeus, abandonando sua cultura original, julgada inferior e inútil, simplesmente por ser diferente da deles (Loureiro, 2012, p. 22).

Nesse contexto, falar deste imaginário social criado pelos europeus sobre a Amazônia, como sendo esta região rica em biodiversidade (fauna e flora), mas também um lugar onde habitavam criaturas exóticas, significa falar das violências e injustiças acometidas pelos colonizadores aos povos originários que habitam este território, uma vez que “[...] a beleza da terra não evitou que esses conquistadores – pouco mais tarde – começassem a destruir esse paraíso e a matar os habitantes nativos” (Loureiro, 2012, p. 21).

De tal modo, nos séculos posteriores, houve o predomínio do genocídio, da violência, da dominação e da destruição de tudo aquilo que até então estavam chamando de “paraíso na terra”, tendo em vista que os povos indígenas passaram por um processo de escravização, aculturação, europeização, catequização e colonização, na intencionalidade de apagar suas memórias, culturas, línguas e identidades, isto é, destruir seus modos de vidas, a fim de torná-los “*novas criaturas*”, pois, “precisavam ser resgatados do seu estado primitivo” por meio da escolarização ocidental e religiosa, transformando-se em pessoas civilizadas que viveriam conforme os hábitos e costumes dos europeus.

Neste momento, o doutorando-estagiário, buscando contribuir com o diálogo, sugeriu à turma que assistissem aos seguintes documentários: *Nossos espíritos não falam inglês*; *Escolarizando o mundo: o último fardo do homem branco*, e *O índio no Brasil*, disponíveis para acesso ao público em plataformas como You Tube e tratam desta temática em questão. Além disso, um graduando indicou o filme: *A conquista do paraíso*, para melhor compreendermos este contexto histórico. Em seguida, o professor desenvolveu reflexões sobre a construção das identidades amazônicas, ressaltando que este imaginário social criado pelos europeus, infelizmente, ainda se faz presente nos dias atuais, modelando condutas e estilos de vida dos sujeitos amazônicos, pois muitos têm o entendimento apenas das percepções que construíram da realidade. Além disso, destacou que, por causa do modelo de desenvolvimento econômico pensado pelo Estado brasileiro, “o camponês brasileiro foi estereotipado, pela ideologia dominante, como fraco e atrasado: como *Jeca Tatu*, que precisa ser redimido pela modernidade, para se integrar à totalidade do sistema social: ao mercado (I CNEC, 1998)” (Costa, 2022, p. 71).

Entende-se que a construção deste imaginário social que considerava, e, ainda considera, a figura do homem amazônico como “o exótico, o selvagem, o perigoso, o sem alma, o bárbaro, o sem cultura”, ainda se faz presente em nosso (in)consciente coletivo/popular (Neves, 2019), fazendo com que muitas pessoas, em pleno século XXI, ainda não se reconheçam enquanto *ser da Amazônia* (Fraxe; Witkoski; Miguez, 2009). Dessa forma, precisamos romper com este imaginário social, com a visão idílica, pejorativa e preconceituosa criada pelos europeus sobre a Amazônia e seus habitantes, a partir da perspectiva da Educação do Campo que possibilita fortalecer um imaginário social de resistência pela ótica dos povos da Amazônia que nunca foram passivos de todo este processo de dominação, pelo contrário, sempre resistiram, lutaram e ainda lutam contra esta ideologia globalizante que tenta apagar suas memórias, culturas, línguas e modos de vida.

Significa dizer que o imaginário de resistência necessita ser construído de forma múltipla, interdisciplinar, cujo foco central seja em defesa dos modos de vida dos sujeitos amazônidas e da preservação da biodiversidade da região, pois trata-se de sujeitos políticos e sociais que nunca precisaram de interlocutores (escrivães) para contar suas próprias histórias, apesar de suas vozes e existências serem silenciadas e invisibilizadas de muitos escritos historiográficos. Trata-se, portanto, de “[...] homens e mulheres diversos e plurais, ribeirinhos, quilombolas, camponeses, indígenas, entre outros; situados em um contexto geográfico bio-diverso e complexo, demarcado pelo enraizamento cultural” (Oliveira, 2012, p. 3), que constroem suas próprias histórias de vida na Amazônia que é o lugar de produção de existências muito peculiares, quase únicos, porque “[...] é a casa onde os amazônicos nascem, vivem, criam e educam seus filhos, desenvolvem e praticam seus modos de vida” (Baniwa, 2019, p. 21).

A Amazônia é rica em sociobiodiversidade, biomas, ecossistemas, multiculturalidade e saberes das populações tradicionais, portanto, precisamos pensá-la pela perspectiva da heterogeneidade, do pluralismo e, da diversidade, assim, passamos a nos referir às Amazônias, dada a existência de múltiplos grupos sociais e particularidades sociais, culturais, geográfica e econômicas presentes na região. No entanto, precisamos pensá-la de forma crítica, compreendendo que a Amazônia nasceu não como nação, mas como região, que, posteriormente, foi ocupada abruptamente e utilizada como estratégia de desenvolvimento econômico para atender os interesses do sistema do capital, fato que vem ocasionando a

destruição da natureza e a vida de muitos sujeitos que vivem e trabalham na região, conforme aponta Loureiro (2012) quando apresenta alguns elementos para compreensão da história recente da região amazônica, afirmando, a partir de uma contextualização histórica, que “[...] no caso da Amazônia, o sistema agroexportador permanece como vem acontecendo secularmente, embora esteja hoje disfarçado sob a produção de “modernas” commodities” (Loureiro, 2012, p. 46).

Na região Norte, que tem suas particularidades étnicas, culturais, territoriais, geográficas, políticas e econômicas, diferente de outras regiões do país, as *commodities* estão presentes mediante a produção da soja, centralizada na transamazônica. Na Amazônia paraense, que tem suas singularidades socioeconômicas, estas *commodities* estão centralizadas, por exemplo, na produção do dendê na região de Tomé Açu. Atualmente, é possível identificar as *commodities do Açaí* em vários municípios da região do Baixo Tocantins, como é o caso de Abaetetuba, Igarapé-miri, Moju, etc., onde existe a prática do *arrendamento do terreno e/ou da produção do açaí* da safra seguinte que ainda nem iniciou; além da prática da exportação da produção do açaí para o mercado externo, enquanto a população local deixa de ser beneficiada, pagando preços elevados por um produto (litro do açaí) que, muitas vezes, é de péssima qualidade.

À vista disso, acredita-se que a produção de “modernas commodities”, de certa forma, também contribui, direta ou indiretamente, para a criação de novos imaginários sociais para a região, tendo em vista que “[...] o imaginário social é composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, um substrato ideológico mantido pela comunidade” (Moraes, 2002, p. 1). Nesse sentido, levando-se em consideração as múltiplas amazônias e o imaginário social da Amazônia tocantina, podemos perceber que a identidade e/ou o imaginário social de Abaetetuba está relacionado à produção e comercialização do miriti, pois a cidade é reconhecida como “A capital mundial do brinquedo de miriti”, que, nas palavras do pesquisador Jones (2018), trata-se da cidade da arte. Assim como o município de Igarapé-miri, que é popularmente conhecido como “A terra do Açaí”; Barcarena, a “Terra do Abacaxi”, e Muaná, na Ilha do Marajó, como a “Terra do Camarão”. Portanto, para uma melhor compreensão da formação social da Amazônia e sua relação com o contexto nacional, internacional e regional/local, o professor citou algumas obras de referências para aprofundarmos os estudos.

História da disciplina escolar Estudos Amazônicos: relato de experiência do estágio docente no curso de licenciatura em Educação do Campo

Quadro 01. Obras sobre a história da Amazônia

Títulos	Autores
Invenção da Amazônia	Neide Godim
Amazônia	Bertha Becker
Cultura amazônia: uma poética do imaginário	Paes Loureiro
Marajó: romance	Dalcídio Jurandir
Marajó: a ditadura das águas	Giovanni Gallo
Planície amazônica	Raimundo Moraes
O rio comanda a vida	Leandro Tocantins
Paraíso Perdido	Elclides da Cunha
Amazonas: pátria da água	Thiago de Mello
Estado, bandidos e heróis: utopia e luta na Amazônia	Violeta Reefkalefsky Loureiro
Rio Babel: a história das línguas na Amazônia	José Ribamar Bessa Freire
Formação Socioeconômica da Amazônia	Edna Ramos de Castro
História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI	Márcio de Souza
O espírito da floresta	Bruce Albert e Davi Kopenawa
O Negro na formação da sociedade paraense	Vicente Salles

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Este conjunto de fontes bibliográficas, contribui para a construção de um novo olhar para nossa história, cultura, identidades, produção de vida, mas, principalmente, para a construção de um imaginário social de resistência, cuja ênfase volta-se para o sujeito amazônida, que muito tempo ficou ausente, invisibilizado dentro dessa perspectiva mercantilista, que olha para a região amazônica apenas como estratégica de produção de capital, deixando em segundo plano, a análise das sociedades locais que estabelecem uma relação direta com a natureza, a partir da complexa dinâmica que os múltiplos grupos étnicos estabeleceram com o campo, as águas e as florestas. Estes múltiplos grupos étnicos: indígenas, populações ribeirinhas, quilombolas, seringueiros, extrativistas, possuem suas singularidades:

[...] constituído por uma identidade sociocultural e política própria, cuja modalidade de sobrevivência e relações político-organizativas estão relacionadas: a) a origem étnica por meio da adoção e adaptação de saberes e técnicas de acordo com suas necessidades; b) ao padrão complexo de organização da produção e de gestão dos recursos naturais; c) a luta pela garantia de sobrevivência e acesso a bens e serviços sociais; d) as atividades exercidas, como: agricultura, caça, pesca, coleta e extração, desempenhadas de acordo com suas necessidades e recursos naturais disponíveis (Chaves; Lira, 2016, p. 72).

No caso dos ribeirinhos, por exemplo, eles produzem uma *Ribeiridade Amazônica*, compreendida como “[...] expressão de um modo de viver dos grupos sociais localizados à

margem de mananciais aquáticos, de onde emanam os elementos materiais, imateriais e simbólicos que configuram o modo de vida desses grupos” (Neto; Furtado, 2015, p. 159). Nesse contexto, entende-se, por exemplo, que, na Amazônia paraense, de modo geral e, em particular, na Amazônia tocantina, a figura do rio é um elemento fundamental para a composição da identidade cultural dos sujeitos que vivem nessa região. O rio é o caminho, a rua, a estrada, o meio pelo qual muitos sujeitos utilizam para produção de sua vida material, social e simbólica.

Com base nesse entendimento, o campus universitário de Abaetetuba utilizou os nomes dos rios presente na região para demarcar a sinalização dos espaços universitário: Rua Rio Tocantins; Rua Rio Piquiarana; Rua Rio Furo Grande; Rua Rio Abaetezinho; Rua Rio Itacuruçá; Rua Rio Campopema; Rua Rio Jarumã; Rua Rio Quianduba, e Rua Rio Maratauíra. Ademais, após concluir este primeiro movimento mais teórico da disciplina, o professor passou uma avaliação discursiva aos graduandos, com as seguintes questões:

- 1) No texto “Introdução aos Estudos Amazônicos”, Violeta Loureiro (2012) esboça 4 fases de compreensão da Amazônia brasileira, sintetize o que a autora pontua em uma dessas fases; como pontos importantes para se pensar na região hoje.
- 2) Diante da necessidade de desenvolver habilidades relacionadas às práticas de ensino na disciplina estudos amazônicos num âmbito interdisciplinar (Sociologia, Geografia, História), discorra sobre algum tema (sustentabilidade, religiosidade, oralidade, fronteira, floresta, rio, conflitos, desmatamento, poluição, saberes), em que estes conhecimentos dialogam, tendo em vista as diversidades do campo (mundo rural) na Amazônia.
- 3) Em que medida a cultura e as identidades influenciam nas práticas educativas nas escolas do campo? Dê exemplo levando em conta imagens, lugares, objetos ou memórias de sua comunidade (localidade, lugar, território).
- 4) Considerando o currículo em construção de estudos amazônicos nas escolas do campo, procure observar os temas apontados para as distintas séries (6, 7, 8 e 9 ano) do Ensino Fundamental, sendo maior da rede estadual de ensino, propostas pelo professor Tiesse Junior, e analise uma a partir do que você pôde aprender em sala de aula.
- 5) Descreva o processo de inserção da disciplina Estudos Amazônicos no sistema de ensino estadual (SEDUC/PA), considerando suas aproximações com propostas que historicamente foram direcionadas para o público do campo (Projeto Gavião, SOME, Educação do Campo).

5. Orientações de seminário: construção e socialização das propostas didático pedagógicas

Na sequência, foram realizadas orientações em grupo sobre as propostas pedagógicas que os graduandos apresentariam em sala de aula, “simulando”o trabalho docente na Educação Básica, ministrando os conteúdos da disciplina Estudos Amazônicos. Para tanto, realizou-se uma breve análise dos documentos oficiais do estado do Pará (Documento

História da disciplina escolar Estudos Amazônicos: relato de experiência do estágio docente no curso de licenciatura em Educação do Campo

Curricular de Educação Infantil e Ensino Fundamental; e da Etapa do Ensino Médio) para identificação de como se pode trabalhar a disciplina Estudos Amazônicos na Educação Básica. Na sequência, realizou-se um seminário para apresentação das propostas, em que os discentes teriam que ministrar aula com duração de, aproximadamente, 1 h.

Dessa forma, o grupo 1 elaborou uma proposta para o 6º ano do Ensino Fundamental, abordando a temática: Região amazônica: Cultura e identidade. O grupo iniciou a aula com uma imagem da região amazônica, com destaque para a Amazônia internacional e Amazônia brasileira, questionando a turma: “o que se compreende por região amazônica?” Os discentes seguiram com a explanação e conceitualização das denominações que a Amazônia possui, com explicação dos aspectos importantes da região, destacando os diversos biomas existentes na região e suas diversidades peculiares na fauna, o que faz da Amazônia uma região diferenciada de outras do planeta.

O grupo seguiu com a abordagem do termo cultura, explicando o conceito e exemplificando as diferentes culturas existentes na Amazônia. Por último, fez-se a explanação do conceito de identidade, destacando os aspectos característicos da identidade amazônica, e as variações da diversidade cultural presente na Amazônia. Para tanto, finalizou-se a apresentação com a explicação do termo identidade, relacionando com a identidade cultural da sociedade do Baixo Tocantins com seus diversos grupos étnico-culturais.

O grupo 2, trabalhou o tema economia extrativista, com elaboração da proposta para os estudantes do 7º ano, iniciando com a leitura da letra da música *Porto Seguro*, composição de Maria Lidia. Em seguida, realizou a análise da composição, buscando identificar quais imagens e/ou aspectos do Brasil eram possíveis observar na letra da música. Tem-se a imagem do pau-brasil; dos engenhos; canaviais; indígenas; estrangeiros; tambores, e nobreza. Com base nisso, apresentaram-se explicações sobre a Amazônia legal/brasileira, com destaque para a invasão dos europeus na região, que, assim como outros povos, buscavam “riquezas para a encher a mão da distante nobreza que nunca viveu nem pisou neste chão” (Trecho da música).

Na sequência, adentrou a temática da economia extrativista, explicando que se trata de uma atividade econômica que não agride a natureza. Em seguida, falou do Tratado de Tordesilhas e do Tratado de Madri, que possibilitaram a Portugal desbravar a Amazônia. Assim, a primeira forma da economia extrativista no Brasil voltava-se para a exploração das

drogas do sertão; pau-brasil; extração da borracha, etc. Por conseguinte, tratou da temática do extrativismo sustentável e o extrativismo predatório, sendo este último voltado à lógica do mercado. O grupo explicou a importância do extrativismo sustentável para a preservação e biodiversidade da Amazônia, destacando que este modelo contribui para a preservação da floresta; movimentar os mercados locais e regionais; causar menos impactos no ecossistema da região e, é fortalecido pela agricultura familiar, gerando uma economia solidária, permitindo uma relação justa entre as pessoas, do ponto de vista social e econômico, gerando sentimento de solidariedade aos comunitários. Apontou, ainda, que atualmente existe o Programa de Aquisição de Alimentos do governo federal para fomentar e fortalecer o papel e as ações da agricultura familiar, com a oferta de alimentos produzidos para alimentação escolar. Além disso, o grupo falou do extrativismo local, em que são cultivados, produzidos e comercializados na região, o tucumã, a andiroba, o miriti, a castanha, o bacuri, o açaí, dentre inúmeros outros produtos.

Figura 1. extrativismo local



Fonte: Arquivo pessoal dos autores (2024).

Como atividade final, foi solicitado aos estudantes que produzissem um texto para ser entregue na próxima aula, em que responderiam ao seguinte questionamento: quais produtos são coletados na sua comunidade de forma extrativista? O grupo 3 elaborou uma proposta para o 8º ano, sobre o tema Amazônia, cultura e resistência, cujos objetivos visavam: ensinar aos alunos a importância da resistência sobre as culturas na Amazônia para que esta não venha desaparecer; incentivá-los a valorizar a sua cultura; conhecer as lendas culturais através da oralidade e do imaginário, e, compreender a oralidade como resistência. Desse modo, foram trabalhados os conceitos de cultura, imaginário, oralidade, memória, cultura,

História da disciplina escolar Estudos Amazônicos: relato de experiência do estágio docente no curso de licenciatura em Educação do Campo

resistência e lendas amazônicas. O grupo procedeu suas atividades com aula expositiva dialogada, abordando as culturas amazônicas, enfatizando a contação de histórias através da oralidade e do imaginário. Para tanto, apresentou um breve resumo do que foi estudado “nas aulas anteriores”, ou seja, estabeleceu relações com as discussões da temática apresentada pelo grupo anterior. Na sequência, explicou o conceito de cultura e sua importância na vida do sujeito, e sobre o imaginário social, assim como o conceito de oralidade, memória e resistência. Em seguida, contou a respeito das lendas amazônicas, como surgiram, quais são as mais conhecidas entre nós e quais as lendas são presentes no imaginário social da Amazônia tocantina. Por fim, apresentou contação da lenda do curupira, da cobra-grande e, do poço da moça, finalizando com uma atividade extraclasse sobre a temática do imaginário social.

O Grupo 4 elaborou a proposta sobre o tema cultura e religiosidade indígena para trabalhar com estudantes do 9º ano. Iniciou pela explicação do conceito de cultura numa perspectiva antropológica. Em seguida, falou sobre o xamanismo, considerado um conjunto de rituais ancestrais praticados por alguns povos, usados para manter contato com o mundo espiritual, cujos rituais são marcados por artefatos culturais como dança, música e consumo de enteógeno, ou seja, sumo de algumas plantas que são capazes de alterar a consciência, induzindo ao estado xamânico (Silva, 2024). Na sequência, apresentou algumas características da cultura e religião indígena, com destaque para a figura do pajé, sendo um líder religioso, isto é, um especialista em assuntos religiosos, um mensageiro que mantém contato com o mundo espiritual, ou com os espíritos da floresta. Além disso, falou que os povos indígenas, de modo geral, acreditam em vários deuses: Tupã – Deus supremo; Jaci – Deusa da lua; Iara – Deusa da água; Guaraci – Deusa do sol, entre outros.

Outro aspecto apresentado pelo grupo foi sobre as lendas do folclore da Amazônia. Para tanto, explicou o conceito de lenda e folclore, abordando a importância das lendas para a nossa cultura amazônica, destacando as lendas da Iara, Uirapuru, a lenda do poço da moça em Abaetetuba, a lenda da cobra-grande, entre outras. Também falaram das manifestações culturais, cujo conceito de cultura foi abordado com base em Santos (2006), para quem a cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou “nação”, ou então de grupos no interior de uma sociedade, ou seja, a cultura só é produzida pela espécie humana. Além disso, os graduandos abordaram as relações de trabalho nas

comunidades ribeirinhas de Abaetetuba e os saberes tradicionais indígenas, considerados como um conjunto de conhecimento (práticas, técnicas e significados) de determinados grupos sociais. Dessa forma, ressaltaram a importância do artesanato da Cuia e, da fabricação de paneiros e matapi, que além de serem artefatos culturais, ou seja, uma manifestação cultural, é uma forma de trabalho e renda para muitas famílias chefiadas por mulheres nessas comunidades.

O doutorando, por sua vez, apresentou sua proposta didático-pedagógica interdisciplinar com a temática da Educação Ambiental e Sustentabilidade na Amazônia, a ser trabalhada com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, cujo objetivo visava compreender que a interferência humana, realizada de forma descontrolada e predatória, baseada na exploração dos recursos naturais, tem gerado inúmeros impactos socioambientais na região amazônica paraense e, conseqüentemente, ao território abaetetubense. Esta proposta foi fundamentada na abordagem teórica da Pedagogia Histórico-Crítica (Saviani, 2008), na metodologia de ensino da Pedagogia de Projetos (Nogueira, 2007) e na Didática da Pedagogia Histórico-Crítica, levando-se em consideração os cinco passos indicados por Gasparin (2012): Prática Social Inicial do Conteúdo; Problematização; Instrumentalização; Catarse e Prática Social Final dos Conteúdos.

Nesse sentido, o doutorando propôs como exemplo, as seguintes temáticas a serem trabalhadas em sala de aula: meio ambiente e degradação ambiental na Amazônia; Amazônia paraense: as conseqüências socioambientais produzidas pelo modo de produção capitalista na região; geopolítica na região do Baixo Tocantins: os conflitos territoriais, socioambientais e o papel dos movimentos sociais no território de Abaetetuba, e a participação social e a política de gestão ambiental no município de Abaetetuba. Além disso, como culminância de encerramento, propôs a realização de uma mostra científica contendo a exposição de todas as atividades realizadas pelos estudantes. Por fim, concluiu falando da importância do planejamento didático-pedagógico na formação e prática profissional dos professores do campo para superação da dicotomia entre teoria e prática.

6. Considerações finais

Ademais, foi realizado uma roda de diálogo sobre autoavaliação da disciplina, daquilo que foi trabalhado em sala de aula e, bem como da participação dos discentes, docente e doutorando. Nesse momento, o professor destacou a importância da disciplina Estudos Amazônicos para compreensão ampla e crítica da formação histórica e social da Amazônia.

História da disciplina escolar Estudos Amazônicos: relato de experiência do estágio docente no curso de licenciatura em Educação do Campo

Além disso, ressaltou que a disciplina possibilita estudar o espaço e a história regional com sua história local, fazendo um recorte político, antropológico, econômico, estético e educacional, contribuindo tanto para a formação dos estudantes da Educação Básica, como para os graduandos do curso de Educação do Campo, fazendo-lhes compreender diversos temas relativos à região amazônica.

Por conseguinte, no diálogo autoavaliativo, o professor destacou como dificuldade enfrentada pela turma, a necessidade de mais leitura e articulação dos conceitos, fato observado na avaliação discursiva. Ressaltou como potencialidades a participação assídua na execução da disciplina, o dinamismo, a contextualização, a coerência e o uso de vários recursos didático-pedagógico na apresentação dos seminários. A turma também ressaltou que a participação do doutorando contribuiu de maneira significativa para a formação docente na condição de educadores em formação, a partir das reflexões e experiências educacionais realizadas em sala de aula. Inclusive, destacou que a trajetória formativa do doutorando, egresso do curso de Pedagogia da UFPA-campus universitário de Abaetetuba, serve de inspiração para aqueles que desejam seguir a Pós-Graduação. Além disso, foram apresentadas proposições relacionadas a importância de fazer mais articulações com o campo das políticas educacionais e o papel do educador na perspectiva da Educação do Campo para construção de novas experiências pedagógicas relacionadas a disciplina Estudos Amazônicos.

Por fim, concluiu-se recorrendo à categoria resistência, partindo do entendimento que precisamos continuar resistindo enquanto Amazônida; sujeito do campo; educadores do campo; educação do campo e, movimentos sociais, para o fortalecimento de um imaginário social de resistência, construído pela ótica dos próprios sujeitos amazônidas na condição de sujeitos históricos, políticos e sociais, portanto, sujeitos que não precisam de interlocutores para contar suas próprias histórias.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). Ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/FADEC/UFAM) e à Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo (FADECAM) da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário de Abaetetuba.

Referências

- ALVES, Davison Hugo Rocha. **Contando a História do Pará: a disciplina 'Estudos Amazônicos' e os livros didáticos (1990 – 2000)**. 158f. 2016. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2016. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/bitstream/1/13600/1/Davison%20Hugo%20Rocha%20Alves.pdf> Acesso em: 14 de abr. 2024.
- BANIWA, Gersem. Amazônia: espaço plural e abundante de vida. **Revista Resistências**. Associação dos Docentes da Universidade Federal do Amazonas – Seção Sindical do ANDES-SN. Ano I, nº 1, pp. 20-23, dez, 2019.
- COSTA, Francisauro Fernandes da Costa. **Educação do campo no território abaetetubense: análise da formação de professores(as) com base no plano municipal de educação**. 230f. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2022. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/9263> Acesso em: 14 de abr. 2024.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. Por uma Educação do Campo. (Org.) ARROYO, Miguel Gonzalez. FERNANDES, Bernardo Mançano. **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**. Brasília, DF. Articulação Nacional por Uma Educação Básica do Campo, 1999. Coleção por uma Educação Básica do Campo, nº 2, 1999.
- FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; WITKOSKI, Antônio Carlos and MIGUEZ, Sâmia Feitosa. O ser da Amazônia: identidade e invisibilidade. **Cienc. Cult.** [online]. Vol.61, n.3, pp.30-32, 2009. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v61n3/a12v61n3.pdf> Acesso em: 14 de abr. 2024.
- GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5. ed. rev. 2. Reimpr. - Campinas, SP: Autores Associados, 2012.
- GOMES, Jones da Silva. Cidade da Arte: insurgências poéticas nas margens de Abaetetuba-PA. **Revista Paisagens Híbridas**. Vol. I, nº 2. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ph/article/view/22963>. Acesso em: 09 abr. 2024.
- GUILHERME, A. A. (2021). **Guia prático de pesquisa em Educação**. (1ª ed). Caxias do Sul, RS: Educs, 2021.
- LIRA, Talita de Melo; CHAVES, Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues. Comunidades ribeirinhas na Amazônia: a organização sociocultural e política. **Interações**, Campo Grande, MS, v. 17, n. 1, p. 66-76, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/MXbhGK5VDQbX4bMQzRYDRLN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 de mar. 2024.
- LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. Introdução aos estudos amazônicos. In: **Estudos Integrativos da Amazônia – EIA**. (Orgs.). PELEJA, José Reinaldo Pacheco; MOURA, José Mauro Souza. São Paulo: Acquerello, 2012.

História da disciplina escolar Estudos Amazônicos: relato de experiência do estágio docente no curso de licenciatura em Educação do Campo

MINAYO, Maria C. de Souza. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria C. de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 34. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MORAES, Dênis de. Imaginário social e hegemonia cultural. **Temas Gramsci e o Brasil**. 2002. Disponível em: <https://www.gramsci.org/?page=visualizar&id=297>. Acesso em: 22 de mar. 2024.

NETO, Francisco Rente; FURTADO, Lourdes Gonçalves. A Ribeirinidade Amazônica: algumas reflexões. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 24, p. 158-182, 2015. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v24i24p158-182.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia dos projetos: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências**. 7. ed. São Paulo: Érica, 2007.

RAMOS, Julyan Machado. Incorporação e integração da Amazônia: perpetuação da colonialidade. **Rev. Amazônia Latitude**. p. 1-12, 2019. Disponível em: <https://www.amazonialatitude.com/2019/12/17/incorporacao-e-integracao-da-amazonia-perpetuacao-da-colonialidade/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Educação do Campo na Amazônia: bases socioculturais, epistemológicas e matrizes educacionais**. XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – UNICAMP – Campinas, 2012. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1OKhRok12x66VPOhziDbQlul_ifynl5CY/view. Acesso em: 14 de abr. 2024.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: aproximações**. 10. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SILVA, Daniel Neves. "Xamanismo". **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/religiao/xamanismo.htm>. Acesso em: 22 mar. 2024.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

Notas

ⁱ A Educação do Campo surge como pressão dos movimentos sociais para “[...] defende os interesses, a política, a cultura e a economia da agricultura camponesa, que construam conhecimentos e tecnologias na direção do desenvolvimento social e econômico dessa população” (Fernandes, 1999, p. 65).

ⁱⁱ O imaginário é o conector das relações sociais, na medida em que aproxima as imagens significativas de uma determinada cultura, neste sentido, a resistência do imaginário consiste na continuidade de processos correlacionados às tradições e oralidades (Jones, 2018).

Sobre os autores

Francisauro Fernandes da Costa

Mestre e Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/FACED/UFAM). Possui Licenciatura em Pedagogia (UFPA) e cursa Especialização em Educação Ambiental e Sustentabilidade (PROFIMA/NUMA/UFPA). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Integrante do Grupo de Pesquisa em Educação do Campo, Currículo e Formação de Professores(as) na Amazônia (GPECAM). E-mail: francisaurocosta55@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8717-0330>.

Heloisa da Silva Borges

Doutorado em Educação. Docente do Departamento de Administração e Planejamento e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/FACED/UFAM). Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Educação do Campo, Currículo e Formação de Professores(as) na Amazônia (GPECAM). E-mail: helo-borges@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7629-7056>

Sebastião Magalhães Costa

Graduado em História (FAM). Especialista em História da Amazônia e Cultura Afro Indígena (FAM). Discente do Curso de Licenciatura em Educação do Campo - habilitação em Ciências Humanas e Sociais (FADECAM/UFPA-Abaetetuba). Docente da Educação Básica na Rede Municipal de Ensino de Muaná, Marajó-PA. E-mail: smagalhaes1996@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-0003-465X>

Jones da Silva Gomes

Doutorado em Ciências Sociais (PPGSA/UFPA). Docente do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo (FADECAM/UFPA) – Campus Universitário de Abaetetuba. Coordenador do grupo de pesquisa sobre Imaginário, Arte e Sociedade (GAPUIAS). E-mail: jones@ufpa.br Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-1081-9787>

Recebido em: 15/04/2024

Aceito para publicação em: 23/05/2024